

DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA CAPITALISTA PAULISTA NO INÍCIO DO SÉCULO XX:

A EMERGÊNCIA DO MODO DE PRODUÇÃO DE MERCADORIAS EM LENÇÓIS PAULISTA - SP

Rodolfo Augusto Monteiro Pelegrin
Marcio José dos Santos

Apresentação

Este trabalho pretende analisar as mudanças na produção agrícola no município de Lençóis Paulista, no início do século XX. As observações serão feitas através dos dados encontrados nos primeiros "Anuários Estatísticos de São Paulo", produzidos pelo governo do Estado.

Partiremos então de uma breve caracterização do movimento de formação do bairro, depois vila e freguesia de "Lençóis", iniciado na entrada do século XIX. Serão apresentados alguns dos dados disponíveis sobre a economia e agricultura locais neste período, numa tentativa de compor um quadro ilustrativo do que seria a realidade na Lençóis do século XIX, antes que este território se integre de forma definitiva ao circuito global da acumulação capitalista, o que se consolidará com os acontecimentos praticamente sincronizados da abolição da escravidão, proclamação da república, instalação da ferrovia, a expansão consistente da cultura do café e a chegada dos imigrantes europeus - acontecimentos estes que, de conjunto, transformarão substancialmente sociedade e economia lençoenses.

Estabelecido este quadro inicial, será feita a discussão sobre as transformações ocorridas na produção agrícola nos primeiros anos do século XX, a partir de pesquisas documentais apoiadas sobretudo nos dados encontrados no Arquivo do Estado de São Paulo (especialmente nos "Anuários Estatísticos"), além de pesquisa bibliográfica.

No período analisado, os negócios agrícolas cresceram em número de estabelecimentos, em pessoal empregado, e em faturamento. O número de empregados triplica, e tanto brasileiros quanto imigrantes ocupam essas vagas. A proporção de imigrantes parece pouco confiável na tabela pelo excesso de inversões nas proporções, mas pode-se ter como certo que eles sempre foram uma importante parte da força de trabalho ativa, e que aumentaram em número.

Segundo os dados, o café já é a mais importante cultura em 1902, mas sua importância aumenta, atingindo 75% dos valores dos negócios agrícolas em Lençóis. Todos os produtos, exceção feita ao feijão, tiveram aumento na produção entre 1902 e 1906, o que sugere que uma área cada vez maior vinha sendo cultivada. Os derivados da cana, sempre com presença importante, avançaram bastante na produção - estes viriam a suplantá-lo no futuro.

O tratamento dos dados colhidos somado ao debate histórico da formação da vila de Lençóis permitem a constituição de um retrato do período que leva à conclusão de que este foi, de fato, o momento em que ocorreu a consolidação do modo de produção de mercadorias no território lençoense, integrando uma onda que percorreu grande parte do interior paulista.

Palavras-chave: agricultura, *commodities*, desenvolvimento, mercado agrícola.

1. Lençóis: movimentos iniciais de formação

Ao final do século XIX, Lençóis compunha o espaço geográfico definitivamente integrado ao circuito capitalista e nas características típicas da inserção brasileira na divisão internacional do trabalho, exportando pelos trilhos da então "Cia. União Sorocabana e Ytuana" o café produzido pelas mãos de trabalhadores assalariados.¹

Entretanto, a história deste povoado, dos primeiros indícios de sua ocupação pelo "invasor civilizado", cristão, até tal momento, mais se assemelha ao que se poderia chamar "situação de fronteira"^{*2} do que na implementação completa da empresa capitalista, agrícola e exportadora, baseada ou não em trabalho escravo, esta que marca a "razão de ser" do Brasil praticamente até o fim República Velha. Lençóis era então uma "boca do sertão", um posto avançado da frente de expansão, onde o conflito social e interétnico são a regra. Esta condição, que perdurou por décadas do século XIX, é bem expressa nos trabalhos de Fernandes^{1, 3}, trabalhos que nos mostram o atrito constante, nestes tempos, entre populações indígenas, camponeses pobres, grandes proprietários e interesses de Estado. Isso pode ser visto na carta do morador da então Freguesia dos Lençóis, José Baptista do Nascimento, ainda em 1863, relatando ao presidente da província o sofrimento de que, segundo ele, ainda padeciam os moradores do lugar:

"O suppe. e muitos moradores do lugar fazendo ao todo cincoenta a sessenta fogões, ou familias, tem posses antiquissimas ahi, algumas das quaes montão a vinte tantos annos. São homens e famílias pobres, tão pobres e desamparados que não podem defender convenientemente seos direitos em júzo. Aproveitando-se dessa triste e infeliz posição, dois homens potentados e ricos do lugar praticão as maiores injustiças, violão todos os direitos e tudo usurpão. Processos continuados são ajeitados contra os pobres miseráveis, que não tendo meios de pagar advogados e custas, perdem sempre, e assim famílias inteiras são despejadas dos lugares que ellas tem regados por tantos annos com o suor de seo rosto, lugares que atte conquistarão dos indígenas com perigo de suas vidas."⁴

Afirmar que os momentos iniciais da ocupação do "sertão paulista" não se caracterizam como a instalação imediata da empresa capitalista que dá o "sentido da colonização"⁵ brasileira, ou que os movimentos de ocupação tenham em si embutidos interesses geopolíticos e territoriais da coroa, não conflita com a noção de que estes eventos fazem parte de um movimento de expansão no espaço impulsionado pelas necessidades de realização do capital internacional. Na verdade, pode-se dizer que há um fundo teleológico neste movimento que, como veremos ao fim do capítulo, redundará na implantação da agricultura monocultiva e exportadora do café, como decorrência das determinantes dadas pela inserção brasileira no mercado global e suas características econômicas fundamentais. É possível, por este caminho, avaliar que este movimento teria sim um destino, "no sentido trágico da expressão", dado pelo ponto de partida da economia brasileira: "uma economia e uma sociedade que foram geradas a partir de um determinado pressuposto. Este é, concretamente, seu nascimento e sua inserção no bojo da expansão do capitalismo ocidental"⁶.

A ocupação do território hoje denominado Lençóis Paulista, efetivamente, faz parte do processo de ocupação da porção ocidental do atual Estado de São Paulo, mais especificamente as terras localizadas acima da Cuesta de Botucatu - ou seja, no Planalto Ocidental Paulista - entre os

* "O que há de mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação do conflito social. [...] a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular. À primeira vista, é o lugar de encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os ditos civilizados do outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história. [...] A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem [...]" MARTINS, 2009.

rios Tietê e Paranapanema. Embora as primeiras penetrações do continente pelos agentes colonizadores tenham partido de São Paulo - inicialmente exploratória e predadora de índios, posteriormente prospectora de minas e povoadora - no século XVIII esta era uma capitania decadente, que não formara vida própria, e escapava de todos os roteiros interiores de transporte das riquezas para a costa ou de mercadorias, escravos inclusos, levados ao interior⁷. O fator atrativo da dinâmica mineradora de Minas Gerais nesta mesma época geraria fluxos de emigração para esta região, produzindo assim rotas e povoamentos ao norte do Tietê. Será apenas ao final deste século, em consonância com o descenso do ciclo do ouro em Minas, que São Paulo recobra as forças e inicia seu processo de expansão rumo ao Oeste.

Mesmo que bugreiros e viajantes tivessem chegado aos pés da cuesta de Botucatu ainda no século XVII, será por volta de 1770, com a visita de Francisco Manuel Fiuza - "atormentador de bugres" provavelmente requisitado por moradores e viajantes - que o alto da "serra" fica melhor conhecido⁸. Nesta segunda metade do século XVIII, São Paulo acelera o processo de formalização de vilas: o número sobe de 2 na primeira metade do século para 14 na segunda, tranquilizando um pouco as autoridades quanto à segurança do Estado e às necessidades dos moradores. É exatamente nesta época que aparecem as primeiras menções ao "Ribeirão dos Lençóis" - em mapas traçados pelo Sargento-mor Teotônio José Juzarte (1769), pelo Brigadeiro Sá e Faria (1774) e pelo dr. Lacerda e Almeida (entre 1788 e 1799), todos partícipes ou líderes de expedições com caráter exploratório e voltadas à ocupação segura do território, bem como a proteção a um possível avanço dos castelhanos em terras da coroa portuguesa⁹.

2. A Lençóes do século XIX

O Ribeirão dos Lençóes, agora conhecido dos navegadores e viajantes, fará então parte fundamental do documento que formaliza a ocupação do espaço à sua volta: a doação de uma sesmaria, em 1818, delimitada por uma “legua de terras de testada com duas de sertão no lugar denominado o Ribeirão dos Lençóes que faz barra no rio Tieté, sendo a testada meia légua de cada lado do dito ribeirão”¹⁰. O bairro dos Lençóis surge então, oficialmente, nas primeiras décadas do século XIX, ainda num Brasil colonial, e é elevado a freguesia em 25 de abril de 1858, já no Brasil Império. É elevado a vila no ano de 1865.

É apenas a partir da elevação a vila que Lençóes passa a constar nos recenseamentos, presente assim nos dados de 1872, 1886, 1890 e 1920, e com seus dados demográficos apresentados em Bassanezi, 2001¹¹. São conhecidos os demais desmembramentos feitos a partir do município de Lençóes no período acima recortado, e assim é possível uma boa precisão nos dados demográficos apresentados em tal recorte temporal. As informações correspondentes, entretanto, ao início do século XIX até o primeiro destes recenseamentos, serão encontradas em Fernandes 2003 e 2008. Os dados encontrados nos recenseamento seguem:

População total do município de Lençóis Paulista, conforme suas fronteiras territoriais em 1920	
Ano	Pop.
1872	5814
1886	4542
1890	9452
1920	20294

Tabela 1 - População total do Município de Lençóis Paulista. Fonte: Bassanezi, 2001

Há que se notar que o Censo de 1872 apontou uma população de 629 escravos (10,8% da população, e um número de 436 em 1886, representando 9,6% da população total.¹²

Proporção da participação de estrangeiros na população total de Lençóis Paulista	
Ano	Estrangeiros %
1890	2,57%
1920	19,75%

Tabela 2 - Proporção de estrangeiros na população Lençoense. Fonte: Bassanezi, 2001

Lençóis do século XIX era então uma vila pequena, predominantemente habitada por brasileiros livres, entre os quais uma boa parte proveniente de outros Estados (especialmente Minas Gerais)¹¹ e escravos. São esparsas as informações sobre as atividades econômicas desenvolvidas, mas sabe-se que a produção era predominantemente destinada ao consumo local e regional. Foram comuns a criação de gado bovino e suíno, lavouras de milho, de algodão, de fumo e de cana de açúcar - em torno de 1860, "a economia de Lençóis girava em torno da produção agrícola e pecuária de pequeno porte"¹³. O café aparece pela primeira vez em registros na região apenas em 1866, em papel secundário na agricultura lençoense. No fim do século, isto já terá mudado.

As pessoas que então habitavam a região, como visto, não viviam em "perfeita harmonia". A violência era presente na ocupação do espaço, no conflito interétnico, nas disputas entre colonizadores, na escravidão. Este movimento inicial da produção do espaço capitalista se dá então à base da força, ocupando espaço e explorando trabalho através da aplicação deliberada de violência física contra populações indígenas, escravos e mesmo entre ocupantes "livres". É a violência que entrega ao século XX a circunstância favorável à produção do espaço plenamente capitalista, integrado e produtor de mercadorias.

3. A agricultura lençoense na entrada do século XX: a emergência do modo de produção de mercadorias.

Em Harvey, 2005, temos que:

"O progresso da acumulação depende e pressupõe:

1. A existência de um excedente de mão-de-obra, isto é, um exército de reserva industrial, que pode alimentar a expansão da produção. Portanto, devem existir mecanismos para o aumento da oferta de trabalho, mediante, por exemplo, o estímulo ao crescimento populacional, a geração de correntes migratórias [...].

2. A existência no mercado de quantidades necessárias (ou oportunidades de obtenção) de meios de produção - máquinas, matérias primas, infraestrutura e assim por diante [...]

3. A existência de mercado para absorver as quantidades crescentes de mercadorias produzidas."¹⁴

A agricultura capitalista, "industrial", encontrava então um espaço perfeito no centro-oeste paulista. Correntes migratórias, liberação de mão-de-obra pela abolição, expansão das ferrovias e uma mercadoria que poderia ser vendida em quantidades crescentes: o café. Além disto, um Estado dedicado a reiterar as condições favoráveis:

"O papel central da República Velha reside na intermediação comercial e financeira da agroexportação. [...] A reiteração da "vocação agroexportadora" do País e as formas pelas quais se financiava esta "vocação" chegaram ao ponto de converter a libra esterlina em quase moeda interna. [...] Mesmo os impostos governamentais sobre a importação, então a principal fonte de recursos públicos, realizavam-se parcialmente em ouro, ou, o que é o mesmo, em moeda externa." ¹⁵

Sobre esta bem descrita circunstância, adicionamos então os dados provenientes da produção agrícola lençoense, conforme colhidos no Arquivo do Estado de São Paulo, em algumas das edições do "*Anuário Estatístico*", de forma a entender as mudanças efetivamente trazidas por estas tendências, sintetizados na tabela a seguir.

Lençóes - produção agrícola de 1902 a 1906						
		1902	1903	1904	1905	1906
número de estabelecimentos		105	400	400	675	675
pessoal empregado	nacionaes	300	150	793	1.598	1.598
	estrangeiros	500	398	1.095	918	918
	total	800	548	1.888	2.516	2.516
aguardente	qtd pipas	1500	1455	1562	3031	3000
	valor	\$ 140.000,000	\$ 140.000,000	\$ 150.000,000		\$ 240.000,000
	valor %	26%	15%	14%		15%
algodao	qtd arrobas				250	1500
	valor					\$ 6.000,000
	valor %	0,00%	0,00%	0,00%		0,37%
arroz	qtd litros	30.000	125.000	130.000	789.150	250.000
	valor	\$ 3.000,000	\$ 12.500,000	\$ 13.000,000		\$ 25.000,000
	valor %	0,55%	1,33%	1,25%		1,56%
assucar	qtd arrobas	100	1.600	1.650	4.745	5.000
	valor	\$ 600,000	\$ 6.400,000	\$ 6.600,000		\$ 25.000,000
	valor %	0,11%	0,68%	0,63%		1,56%
café	qtd arrobas	75.000	120.000	115.000	328.720	300.000
	valor	\$ 300.000,000	\$ 720.000,000	\$ 805.000,000		\$ 1.200.000,000
	valor %	55%	76%	77%		75%
feijao	qtd litros	550.000	144.200	150.000	762.900	200.000
	valor	\$ 55.000,000	\$ 24.200,000	\$ 25.500,000		\$ 20.000,000
	valor %	10,16%	2,57%	2,44%		1,25%
milho	qtd litros	1.000.000	900.000	980.000	1.444.010	1.500.000
	valor	\$ 20.000,000	\$ 31.500,000	\$ 34.300,000		\$ 75.000,000
	valor %	3,69%	3,34%	3,29%		4,68%
tabaco	qtd arrobas	100	300	310	706	350
	valor	\$8.000,00	\$7.500,00	\$7.750,00		\$8.750,00
	valor %	1,48%	0,80%	0,74%		0,55%
vinho	qtd pipas	10,5	3	2	4	25
	valor	\$ 15.000,000	\$ 1.250,000	\$ 1.250,000		\$ 4.375,000
	valor %	2,77%	0,13%	0,12%		0,27%
total dos valores - prod agrícola		\$ 541.600,000	\$ 943.350,000	\$ 1.043.400,000		\$ 1.604.125,000
produção total		\$ 632.000,000	\$ 1.572.750,000	\$ 2.617.800,000		\$ 2.199.125,000
prod agrícola %		85,70%	59,98%	39,86%		72,94%

Tabela 3 - Produção Agrícola em Lençóis Paulista entre 1902 e 1906 - Fonte: Anuários Estatísticos - Governo do Estado de São Paulo

Infelizmente, a edição de 2006 do Anuario Estatístico, referente à produção em 2005, não nos traz os valores gerados pela agricultura de cada município.

No período analisado, os negócios agrícolas cresceram em número de estabelecimentos, em pessoal empregado, e em faturamento. O número de empregados triplica, e tanto brasileiros quanto imigrantes ocupam essas vagas. A proporção de imigrantes parece pouco confiável na tabela pelo excesso de inversões nas proporções, mas pode-se ter como certo que eles sempre foram uma importante parte da força de trabalho ativa, e que aumentaram em número.

Segundo os dados, o café já é a mais importante cultura em 1902, mas sua importância aumenta, atingindo 75% dos valores dos negócios agrícolas em Lençóis. Todos os produtos, exceção feita ao feijão, tiveram aumento na produção entre 1902 e 1906, o que sugere que uma área cada vez maior vinha sendo cultivada. Os derivados da cana, sempre com presença importante, avançaram bastante na produção - estes viriam a suplantá-lo no futuro.

De qualquer forma, é um quadro que mostra uma economia agrícola em franca expansão, capitaneada pelo café e impulsionada pela abundância de mão-de-obra e pela integração com o mercado mundial, através de via férrea.

Não é possível extrair desta tabela, deste conjunto de dados ordenados, uma série de outras características não menos importantes da agricultura lençoense. Em que sentido evoluiria a estrutura fundiária? Qual a medida do aumento da área de cultivo? Quais os percentuais do valor gerados eram distribuídos entre proprietários e trabalhadores? Quais eram as condições de trabalho? Como evoluía o cenário político local, os índices sociais.

As respostas a estas e outras perguntas, o aumento da abrangência temporal e espacial da dissertação final, colocarão agora uma nova série de tarefas, bem como uma série de decisões que o pesquisador deverá tomar para seguir em seu trabalho.

Referências Bibliográficas

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo (Org.). **São Paulo do Passado. Dados demográficos**. Campinas: Unicamp, 2001. 1 CD-ROM.

FERNANDES, E. **A escravidão na fronteira: um estudo da escravidão negra numa boca do sertão paulista. Lençóis, 1860-1888**. [Dissertação] Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2003.

FERNANDES, E. **Fronteira e população : um estudo sobre a formação de famílias no povoamento da região centro-oeste de São Paulo, século XIX**. [Tese] Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Historia, Direito e Serviço Social, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Anuario Estatístico de São Paulo (Brazil)**. São Paulo: Typografia do “Diário Oficial”, 1901 a 1907.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005

MARTINS, J. DE S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 2a ed., rev. e atualizada ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2009.

OLIVEIRA, F. DE. **A economia da dependência imperfeita**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

Notas

¹ FERNANDES, E. **Fronteira e população : um estudo sobre a formação de famílias no povoamento da região centro-oeste de São Paulo, século XIX**. Franca: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2008, p. 29.

² MARTINS, J. DE S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 2a ed., rev. e atualizada ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2009, p. 133-134

³ FERNANDES, E. **A escravidão na fronteira: um estudo da escravidão negra numa boca do sertão paulista. Lençóis, 1860-1888**. Araraquara: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2003.

⁴ Caixa 296, Ordem 1091, Ofícios diversos 1849-1891, Pasta 2, AESP in: FERNANDES, E. **A escravidão na fronteira: um estudo da escravidão negra numa boca do sertão paulista. Lençóis, 1860-1888**. Araraquara: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2003.

⁵ PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000. p. 7-24

⁶ OLIVEIRA, F. DE. **A economia da dependência imperfeita**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977, p. 11

⁷ PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000. p. 58-60

⁸ FERNANDES, E. **Fronteira e população : um estudo sobre a formação de famílias no povoamento da região centro-oeste de São Paulo, século XIX**. Franca: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2008, p. 46-47

⁹ FERNANDES, E. **Fronteira e população : um estudo sobre a formação de famílias no povoamento da região centro-oeste de São Paulo, século XIX**. Franca: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2008, p. 32-34

¹⁰ SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos do Estado. Divisão de Arquivo do Estado. **Repertório das Sesmarias**. São Paulo: A Divisão, 1994. p. 35. in: FERNANDES, 2008

¹¹ BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo (Org.). **São Paulo do Passado. Dados demográficos**. Campinas: Unicamp, 2001. 1 CD-ROM.

¹² FERNANDES, E. **A escravidão na fronteira: um estudo da escravidão negra numa boca do sertão paulista. Lençóis, 1860-1888**. [s.l.] Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2003, p. 19-20.

¹³ FERNANDES, E. **A escravidão na fronteira: um estudo da escravidão negra numa boca do sertão paulista. Lençóis, 1860-1888**. [s.l.] Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2003. p. 38

¹⁴ HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 42-43

¹⁵ OLIVEIRA, F. DE. **A economia da dependência imperfeita**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977, p. 16-17